

ARTIGOS

As aventuras da fé

Aloísio Cardeal Lorscheider*

RESUMO

Parte-se da cristologia presente na **Fides et Ratio**: a Redenção e a Encarnação. Pela análise desses dois mistérios, percebe-se como a razão entra na esfera do divino, iluminada pela luz dos mistérios dos quais se torna, pela fé, participante. Esse fato não humilha, mas dignifica a razão ao máximo. Purifica-a, eleva-a, aperfeiçoa-a, respeitando a sua autonomia. O próprio ser humano cresce na sua humanidade e na sua personalização. São a fé e a razão celebrando o seu maior triunfo. São razão e fé, no respeito mútuo da respectiva autonomia, realizando a mais perfeita simbiose e a mais bela aventura.

Palavras-chave: Fé; Razão; Encarnação; Teologia.

REFLETINDO SOBRE as aventuras da fé à luz da Encíclica **Fides et Ratio**, devemos ter diante dos olhos a finalidade dessa Carta Pontifícia. Entre as preocupações do Papa está a convicção da Igreja de que fé e razão se “ajudam mutuamente” (Vaticano I, Constituição Dogmática *Dei Filius*, DS 3.019), exercendo uma em prol da outra a função de “discernimento crítico e purificador e de estímulo para progredir na investigação e no aprofundamento” (n. 100).

É essa última função da fé em relação à razão que consideraremos aqui para esclarecermos sempre mais o relacionamento fé e razão. Eu gostaria de tocar a “cristologia” dessa Encíclica. Em alguns tópicos ela se faz presente na Encíclica e creio que, analisando-os, podemos tirar um bom proveito.

Fé e razão se ajudam mutuamente, exercendo uma em prol da outra a função de discernimento crítico e purificador e de estímulo para progredir na investigação e no aprofundamento.

O MISTÉRIO DA CRUZ E A RAZÃO

A **Fides et Ratio** coloca-nos diante de um problema que nunca foi fácil: “a relação fé e razão”. Como é que eles se harmoni-

* Arcebispo de Aparecida, SP, doutor em Teologia, ex-secretário geral e ex-presidente da CNBB.

zam, se é que se harmonizam? É muito estranha a afirmação do Apóstolo São Paulo na 1º Coríntios: “Enquanto os gregos buscavam a sabedoria, nós pregamos Cristo Crucificado, loucura para os gregos... Mas, aquilo que é loucura de Deus, é mais sábio que os homens” (1º Cor 1, 22-25). Quem entende isso: Cristo Crucificado sabedoria de Deus? O que significa na mente do Apóstolo a morte de Jesus Cristo? O que significa para ele o Filho de Deus Crucificado? Se olharmos a 1º Cor, significa “sabedoria de Deus, poder de Deus”.

É sabedoria de Deus, pois, “Deus escolheu no mundo aquelas coisas que nada são para destruir as que são” (1º Cor 1, 28). Cristo Crucificado é o grande desafio lançado à nossa razão. A morte de Jesus na Cruz é o verdadeiro ponto nodal que desafia qualquer filosofia (n. 23). Como é que Cristo Crucificado pode ser sabedoria? O próprio Jesus na Cruz se perguntou: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mc 15, 34-35). A fé nos diz que Cristo Crucificado significa não ser na rejeição do sofrimento e da morte que a “identidade pessoal” encontra solução, mas, antes, na “aceitação obediente e livre” do sofrimento e da morte como “espaço” no qual se exerce a “liberdade” para exprimir amor. Cristo Crucificado é fonte de vida e sinal mais perfeito de um amor “totalmente gratuito”: “Tanto Deus amou o mundo que lhe deu seu Filho Único para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). É essa a resposta da fé.

E a resposta da razão? “Como é que fica a razão”?

Ela encontra-se diante de uma realidade que a ultrapassa. O Filho de Deus Crucificado supera “todo e qualquer limite cultural”. É interessante notar como Jesus mesmo prepara os seus Apóstolos para a loucura e o escândalo da Cruz. É suficiente acompanhar o evangelista Marcos. Ele vai levando a redação do seu Evangelho com episódios, detalhes e proibições de que digam que Ele é o Messias, o Cristo, o Filho do Deus vivo, como também, até o momento trágico em que, Jesus expirando na cruz com um grande grito, o centurião romano que lá se encontrava exclama: “Verdadeiramente este homem era o Filho de Deus” (Mc 15, 39). Diante da *kénosis* de Deus no mistério da cruz, mistério verdadeiramente grande para a mente humana, tanto mais que lhe parece insustentável a afirmação de que o sofrimento e a morte possam exprimir o amor que se dá sem pedir nada em troca, “os teólogos” são convidados a aprofundarem

esse aspecto (cf. Fil. 2, 7; n. 93). A grande questão aqui é como compreender que no aniquilamento do Filho de Deus na sua humanidade se possa encontrar o caminho da felicidade do ser humano e do próprio mundo? Como é que da morte de um ser estraçalhado, tal qual foi Jesus, possa nascer a vida? Como entender que ainda hoje a salvação e a felicidade do ser humano e do mundo passam pela cruz? A razão, colocada diante desse mistério, entra na “esfera” do saber divino. É só nessa esfera que ela encontra uma resposta à medida que se abre à esfera do saber divino, à medida que se abre à fé. O mistério, na realidade, é um abrir-se da esfera divina à esfera da razão humana. A razão humana, por isso, não é humilhada pelo mistério, mas é antes exaltada ao máximo. Interessante a afirmação da Encíclica: “A relação entre a fé e a filosofia encontra, na pregação de Cristo crucificado e ressuscitado, o escolho contra o qual pode naufragar, mas também para além do qual pode desembocar no oceano ilimitado da verdade. Aqui é evidente a fronteira entre a razão e a fé, mas torna-se claro também o espaço onde as duas se podem encontrar” (n. 23). E o espaço é precisamente aquele no qual se exerce a liberdade para exprimir um amor totalmente gratuito. É só na doação obediente e livre que a pessoa encontra “a resposta última” à pergunta “do sentido de sua existência”.

O mistério, na realidade, é um abrir-se da esfera divina à esfera da razão humana.

O MISTÉRIO DA ENCARNAÇÃO E A RAZÃO

A Encarnação do Verbo é outro problema acentuado pela Encíclica.

Está sempre em jogo o problema do sentido da existência. Qual a resposta que a palavra de Deus, ou então a fé, dá a esse problema? Ela encaminha o ser humano para Jesus Cristo, o Verbo de Deus encarnado, que realiza em plenitude a existência humana. Aqui estão implícitas algumas passagens da Sagrada Escritura, especialmente da Carta aos Colossenses e da Carta aos Efésios.

Na Carta aos Colossenses 1, 15-19 e 2, 9, temos: “Nele aprovou a Deus fazer habitar toda a plenitude” (Col 1, 19): “Nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade e nele fostes levados à plenitude” (Col 2, 9). Na Carta aos Efésios 1, 10 e 1, 23, fala o Apóstolo Paulo da plenitude dos tempos em que Deus quis recapitular tudo em Cristo, e do Corpo de Cristo, plenitude daquele que plenifica tudo em todos (cf. ainda Ef 3, 19 e 4, 13).

É outra vez uma indicação da palavra de Deus, isto é, da fé, como a vida humana e o mundo têm um sentido e caminham para a sua plenitude, que se verifica em Jesus Cristo. Esse mistério da Encarnação, afirma a Encíclica, permanecerá sempre “o centro de referência” para se poder compreender o enigma da existência humana, do mundo criado, e mesmo de Deus (n. 80). Por que assim? É nesse mistério que a razão encontra “os desafios extremos”. A razão é chamada a assumir “uma lógica” que destrói as barreiras onde ela mesma corre o risco de se fechar. A razão diante de um Deus que se faz homem – o Infinito unindo-se indissolúvelmente, sem mistura, sem confusão, mas substancialmente com o Finito (natureza humana, ser humano: “o homem Cristo Jesus”, 1 Tim 2, 5) – supera de novo todos os limites. É a Eternidade unindo-se estreitamente ao Tempo, tanto que com a Encarnação do Filho de Deus, do Verbo Divino, chegou “a plenitude dos tempos” (Gálatas 4, 4), começaram “os últimos tempos”, os novíssimos tempos (Hebreus 1, 1-2), o final dos tempos, o final do mundo que já começou: “Cumpriu-se o tempo [o grego indica, pelo verbo que usa, plenitude: chegou a plenitude do tempo!]; o Reino de Deus se aproximou (= se tornou nosso próximo!); convertei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1, 15). É aqui que o sentido da existência humana é criado e alcança o seu ponto culminante. É aqui que a fé e a razão celebram o seu maior triunfo: a natureza divina e a natureza humana unidas indissolúvel e substancialmente na pessoa do Verbo (união hipostática) num só vínculo em mútuo relacionamento, sem confusão, respeitando a respectiva “autonomia”: as duas naturezas distintas mas não separadas, caminhando juntas! É, de fato, o encontro, ou se quisermos, o encaixe de duas liberdades: “a liberdade infinita do Verbo”, do Filho de Deus, e “a liberdade finita do ser humano”. A fé e a razão celebram o seu maior triunfo porque a fé é o dom infinito, o dom que brota da intimidade de Deus, e a razão é o dom finito. É precisamente no mistério da Encarnação, nessa união íntima, substancial, indissolúvel, do Infinito e do Finito, que podemos entender a simbiose entre fé e razão, sem confusão, cada qual na sua autonomia, realidades distintas, mas não separadas.

A fé e a razão celebram o seu maior triunfo porque a fé é o dom infinito, o dom que brota da intimidade de Deus, e a razão é o dom finito.

Compreender, pois, o enigma da existência humana, significa colocar o sentido do ser do homem dentro da plenitude de Cristo, no qual o ser humano se plenifica (cf. Ef 1, 23).

Contudo, compreender o enigma do mundo criado de que

forma? É em Cristo o primogênito de toda criatura (Col 1, 15-16). O Bem-aventurado João Duns Escoto diria: “é o primeiro predestinado” na ordem da intenção, sem sê-lo necessariamente na ordem da execução (*in ordine intentionis, non in ordine executionis*). Em Cristo foram feitas todas as coisas, nos céus e na terra, as visíveis e as invisíveis... tudo foi criado “por ele e para ele”. Ele é antes de tudo e tudo subsiste nele (Col, 1, 15-17). Ele é a plenitude do Universo; é a obra-prima de Deus em sua comunicação a nós. É a forma mais alta, mais sublime, mais total encontrada por Deus para se comunicar conosco. Cristo é “a perfeição do Universo”. Daí a pergunta: por que existo e para que existe o mundo criado? A resposta só pode ser esta: para encontrar a minha perfeição em Cristo e ser como Ele o louvor e glória de sua graça, para ser filho adotivo de Deus por Jesus Cristo (Efésios 1, 6.5), para o mundo ser plenificado em Jesus (Efésios 1, 23).

E mesmo para entender o enigma de Deus? Porque a Encarnação é a suma manifestação do amor gratuito de Deus a nós. É, como dizem os teólogos: *summa manifestatio Dei ad extra!* A suma manifestação que Deus faz a nós.

Para ser ainda mais claro, olhando agora de outro ângulo.

O Papa lembra, baseado no livro da **Sabedoria**, capítulo 13, livro do Antigo Testamento, e em São Paulo, Carta aos Romanos, capítulo 1º, 19-20, como “a razão” pode chegar ao Transcendente. Ali aparece o ponto mais alto a que a razão poderá chegar como pura razão. Ora, a Encarnação do Verbo dá à razão nova luz. O mistério da Encarnação deixa ver que o “Transcendente e o Imanente” podem unir-se mais intimamente, podem unir-se substancial e indissolúvelmente, mostra que o encontro entre o Infinito e o Finito é possível e de fato se realiza em Jesus Cristo. Abre, por isso, novas perspectivas para a razão. A razão entra na esfera do divino. A razão é exaltada. Ela tem agora possibilidade de se perguntar não só sobre a possibilidade mas também sobre o “modo” como isso se possa realizar, e mais ainda, muito mais ainda, sobre o que significa essa união íntima para a vida, qual o sentido dessa união maravilhosa entre o divino e o humano, entre o não-criado e o criado, entre Deus e o Universo. Por isso, mais uma vez, é no encontro do Infinito com o Finito, na Pessoa do Verbo Eterno, do Filho de Deus, que a razão e a fé celebram o seu maior triunfo e intuem a sua mais profunda perspectiva.

Cabe muito bem aqui um texto da Constituição Pastoral do Vaticano II, *Gaudium et Spes*, que João Paulo II gosta de citar sempre de novo:

De fato, só no mistério do Verbo Encarnado se esclarece verdadeiramente o mistério do homem (*Reapse nonnisi in mysterio Verbi incarnati mysterium hominis vere clarescit*). Com efeito, Adão o primeiro homem era figura daquele que haveria de vir, isto é, de Cristo Senhor (*Adam enim, primus homo, erat figura futuri, scilicet Christi Domini*). Novo Adão, na mesma revelação do mistério do Pai e de seu amor, Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre a sua altíssima vocação (*Christus, novissimus Adam, in ipsa revelatione mysterii Patris Eiusque amoris, hominem ipsi homini manifestat eique altissimam eius vocationem patefacit*). Não é portanto de se admirar que em Cristo estas verdades encontrem sua fonte e atinjam seu ápice (*Nil igitur mirum in Eo praedictas veritates suum invenire fontem atque attingere fastigium*). (n. 22 da GS)

O que significa essa passagem do Vaticano II? Nada mais e nada menos do que isto: o mistério do homem se quiser encontrar o seu sentido deve colocar-se na luz de um mistério maior, que é o de Jesus Cristo encarnado: “Por sua encarnação o Filho de Deus uniu-Se de algum modo a todo homem” (*Gaudium et Spes*, 22) (*Ipsae enim Filius Dei incarnatione sua cum omni homine quodammodo Se univit*).

O grande risco que o ser humano corre hoje é ele encerrar-se cada vez mais nos limites “da própria imanência”, sem qualquer referência ao “transcendente” (n. 81). O ser humano corre o perigo de se afogar na imanência e ficar rastejando sem conseguir voar mais alto até atingir a transcendência. É por isso que tantos hoje se perguntam se ainda tem sentido pôr-se a questão do sentido (n. 81). Aí se levantam muitas teorias tentando dar uma resposta, ou vêm à tona diversos modos de ver e interpretar o mundo e a vida do ser humano agravando a dúvida radical (tem ainda sentido pôr-se a questão do sentido?), e facilmente se desemboca no “ceticismo”, na “indiferença” ou até no “nihilismo”. São as posições dos que julgam que não se tem certeza de nada nem se pode ter, tanto faz, como fez, não há fundamento para uma verdade realmente objetiva, nada de consistente existe. Dessa forma, nega-se a “humanidade do ser humano” e a “sua própria identidade”. Ninguém mais sabe quem é quem. Caímos necessariamente numa das maiores ameaças deste final de século: o “desespero”, a mais desesperada “solidão”. E se não existe nada de certo, ou, pior ainda, nada de nada sobre o ser

humano, é iludir-se querendo torná-lo livre. “Verdade e liberdade” “ou” andam juntas “ou” juntas perecem miseravelmente (n. 81). Não podemos perder de vista “o ser” das realidades, pois perdê-lo de vista é perder o contato com a verdade objetiva e, conseqüentemente, acabamos também com a dignidade humana.

“O Verbo de Deus é a origem de todo o ser”: “Tudo foi feito por ele e nada do que tem sido feito foi feito sem ele. Tudo subsiste nele (cf. Jo 1, 3; Col 1, 16; cf. também Hebreus 1, 2-3). O Verbo é o ponto fundamental de toda a criação!

Não podemos deixar-nos envolver por certa mentalidade “positivista”, embutida no atual cientificismo, de sorte a nos iludir de que, graças às conquistas científicas e técnicas, o homem, como se fosse um demiurgo, será capaz de chegar por si mesmo a garantir o domínio total do seu destino (n. 91).

Pelo exposto, vê-se como fé e razão dinamizadas pela vontade se entrelaçam perfeitamente. Uma não se opõe à outra; mas uma ajuda a outra, dentro da respectiva autonomia. A fé não abafa a razão, não a mortifica, não a humilha, mas, muito pelo contrário, exalta-a, fazendo-a entrar na esfera do divino. Refletindo sobre essas realidades presentes no ato de fé: inteligência (razão), vontade, graça, notamos de modo muito claro como o ser humano é perpassado pelo divino. A Encarnação do Verbo, do Filho de Deus, oferece-nos a chave para entendermos a maravilha do amor de Deus para conosco. Segundo um adágio teológico: a graça supõe a natureza; cura-a, eleva-a, aperfeiçoa-a, podemos entender muito bem o que a fé significa de grande para a razão. A nossa razão participa da ferida que o pecado lhe infligiu. O Papa na Encíclica **Fides et Ratio** lembra-nos que “o problema do mal moral – a forma mais trágica do mal – não pode ser reduzido a uma mera deficiência devida à matéria, mas é uma ferida que provém de uma manifestação desordenada da liberdade humana” (n. 80). A nossa razão é afetada por essa “ferida”. A fé, que é graça, “sara” essa ferida, “purifica” a nossa razão, bem como a nossa vontade “eleva-a”, torna a nossa razão mais nobre e “a aperfeiçoa”, dá-lhe perfeição. Também sobre esse aspecto, fé e razão se encontram e se ajudam mutuamente. A fé incide profunda e positivamente na vida do ser humano, faz com que a nobre faculdade da nossa razão e da nossa vontade se tornem mais humanas. Longe de ser uma diminuição das nossas faculdades humanas e por isso uma negação, de algum modo, da nossa humanidade, é, ao contrário, uma “elevação” de nos-

A fé não abafa a razão, não a mortifica, não a humilha, mas, muito pelo contrário, exalta-a, fazendo-a entrar na esfera do divino.

sas faculdades, um “aperfeiçoamento”, uma “afirmação” de nossa humanidade e de nossa identidade. A fé dá uma confirmação mais perfeita a toda a nossa existência. A fé nos humaniza e personaliza ao máximo. Eis a aventura da fé!

ABSTRACT

This paper is based on the Christology present in **Fides et Ratio**: Redemption and Incarnation. Through an analysis of those two mysteries, one may perceive how reason permeates the scope of the divine, illuminated by the light of the mysteries of which it becomes, through faith, a participant. Rather than humiliating, this fact dignifies reason to the utmost, purifying, elevating and perfecting it, while respecting its autonomy. The human being himself grows in humanity and personalization. That is faith and reason celebrating their greatest triumph. That is faith and reason, in the mutual respect for each one's respective autonomy, carrying out the most perfect symbiosis and the most beautiful adventure.

Key words: Faith; Reason; Incarnation; Theology.